



PRODUÇÃO ORAL E ESCRITA DOS DITONGOS VARIÁVEIS [aj] E [ej]: RELAÇÕES ENTRE FONOLOGIA E ORTOGRAFIA

ORAL AND WRITTEN PRODUCTION OF VARIABLE DIPHTHONGS [aj] AND [ej]: RELATIONS BETWEEN PHONOLOGY AND SPELLING

Marco Antônio Adamoli (IFSul)¹

marcoadamoli@gmail.com

RESUMO: Este artigo é um recorte de uma pesquisa maior na qual analisamos dados provenientes da fala e da escrita de um grupo de 15 crianças que cursavam seus primeiros anos no ensino fundamental de uma escola pública de Pelotas/RS. O estudo teve o objetivo de, ao longo de dois anos consecutivos, submeter essas crianças a diferentes atividades com a finalidade de se obterem produções orais e escritas referentes aos ditongos variáveis [aj] e [ej] do Português Brasileiro (PB). Essas duas sequências, juntamente com [ow], apresentam comportamento variável na fala, podendo se manifestar ora como ditongo, ora como monotongo, sendo esta última a forma predominante nos falares dos brasileiros das mais diferentes regiões do país. Na escrita, essas três estruturas apresentam comportamento semelhante ao descrito pelas pesquisas variacionistas, especialmente no que diz respeito aos contextos diante dos quais podem ter as semivogais suprimidas. Em linhas gerais, os resultados do estudo mostraram frequências muito baixas de produção fonética e ortográfica da semivogal dos dois ditongos no final do primeiro ano de escolarização. No entanto, ao término das observações, no segundo ano, percebemos um aumento significativo da escrita de <ai> e <ei> e da pronúncia das estruturas [aj] e [ej] no material coletado. Esses resultados nos permitiram traçar o perfil de desenvolvimento oral e ortográfico das crianças quanto às duas sequências vocálicas analisadas, bem como estabelecer relações entre fonologia e ortografia.

PALAVRAS-CHAVE: Variação. Ditongos variáveis. Aquisição oral e escrita.

ABSTRACT: The present article is an excerpt from larger research in which we have analyzed data from the speech and writing produced by a group of fifteen children who were in their first years of an elementary school in a public school in Pelotas/RS. During a two-year-long study, this group of children was put through different activities in order to obtain oral and written productions referring to the variant diphthongs [aj] and [ej] of Brazilian Portuguese (BP). These two diphthongs' sequences, and [ow] as well, show variable behavior inside the speech, either been arisen as a diphthong or as a monophthong, the latter one demonstrating to be the prevalent form in the Brazilians' speech according to the most different regions of the country. On the other hand, regarding writing, these three structures have a behavior similar to that described by variationist research, especially with regard to the contexts in which the semivowels can be suppressed. Generally, the results of the study have shown very low frequencies of phonetic and orthographic production of the semivowel of the two diphthongs at the end of the first year of schooling. However, at the end of the observations, in the second year, we have noticed a significant increase in the writing of <ai> and <ei> and in the pronunciation of the structures [aj] and [ej] in the collected material. Thus, the results allowed to draw a pattern for the oral and orthographic development profile of the children regarding the two analyzed vowel sequences, and based on this to establish relationships between phonology and spelling.

¹ Mestre e Doutor em Educação pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Doutor em Letras pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel).



KEYWORDS: Variation. Variable diphthongs. Oral and written acquisition.

1 Introdução

O presente trabalho está filiado a uma linha teórica que busca compreender como a criança aprendiz de escrita utiliza as estruturas de sua língua e como esses conhecimentos são construídos (ABAURRE, 1987, 1988, 1991; VARELA, 1993; MIRANDA, 2012, 2014, 2018; CUNHA, 2004, 2010; ADAMOLI e MIRANDA, 2009, 2018; ADAMOLI, 2006, 2012; BLANK, 2013, 2019; NEY, 2012). Neste artigo², elegemos como objeto de reflexão dados orais e ortográficos obtidos longitudinalmente, com o objetivo muito particular de descrevermos o percurso de um grupo de crianças em seus primeiros anos de escolarização quanto à produção oral e escrita dos ditongos variáveis [aj] e [ej] do Português Brasileiro (PB).

A escolha desse tema se deve ao fato de que a semivogal que integra as sequências [aj] e [ej] não se faz ouvir na fala dos usuários do português brasileiro, sendo também frequentemente suprimida em textos de crianças pequenas, especialmente as que estão aprendendo a escrita na escola. Uma particularidade do comportamento desses dois ditongos diz respeito à falta de sistematicidade no uso da semivogal [j]/<i> quer por sujeitos distintos, quer por um mesmo sujeito. Embora existam diversos trabalhos que tratem desse aspecto sob o viés da sociolinguística, poucos ainda são os que se dedicam à compreensão do fenômeno na aquisição da fala e da escrita. Sendo assim, este estudo busca descrever dados oriundos de produções orais e ortográficas de crianças que estão em processo de aquisição da linguagem, comparando-os e verificando a influência do avanço escolar na aprendizagem desses constituintes silábicos.

Logo, com vistas a atingir esse propósito, estruturamos o artigo, além destas palavras iniciais e das considerações finais, como segue: na sequência, revemos alguns pontos sobre o comportamento dos ditongos variáveis do PB na fala adulta e na escrita infantil; na seção seguinte, apresentamos os procedimentos metodológicos adotados para

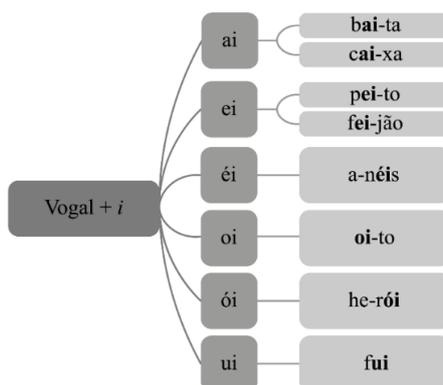
² Este artigo é uma versão resumida de parte da discussão realizada em Adamoli (2012).

a constituição e aplicação dos instrumentos de coleta; e, por fim, na quarta parte, descremos e comparamos os dados obtidos com o estudo.

2 Os ditongos variáveis [aj] e [ej] na fala e na escrita

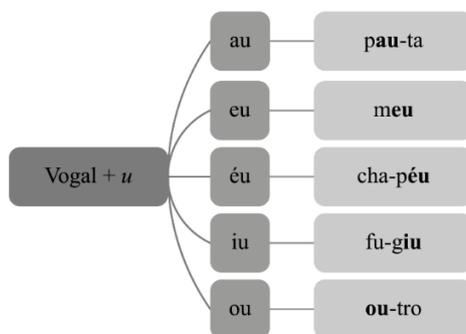
Câmara Jr. (1970) aponta a existência de 11 ditongos decrescentes no PB, podendo-se chegar a 12, caso se considere o ditongo [ɔw] como uma decorrência da vocalização da lateral /l/ ([sɔw], ['vɔwta]). O autor menciona seis ditongos formados pelas vogais silábicas /a, e, ε, o, ɔ, u/ seguidas da vogal assilábica [j] e mais 5 constituídos das vogais silábicas /a, e, ε, i, o/ seguidas da vogal assilábica [w], como mostram as Figuras 1 e 2:

Figura 1: Ditongos decrescentes constituídos por *Vogal + i*



Fonte: Elaborado pelo autor.

Figura 2: Ditongos decrescentes constituídos por *Vogal + u*



Fonte: Elaborado pelo autor.



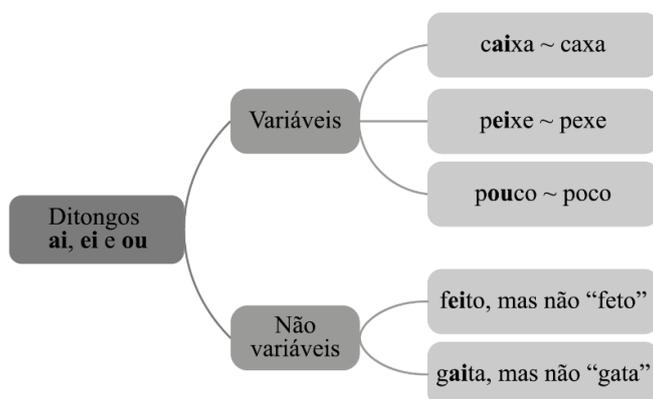
Dessas 11 estruturas vocálicas, três frequentemente têm, em contextos específicos, suas semivogais suprimidas na fala ([aj], [ej] e [ow]). Os demais grupos vocálicos – aqueles considerados verdadeiros (BISOL, 1989, 1994, 2012), isto é, os que não são passíveis de variação – têm, em geral, as semivogais [j] e [w] preservadas.

Há muitas décadas, os ditongos do português vêm sendo tema de reflexão e de debate em diferentes áreas da linguística – na variação, na fonologia e na aquisição da linguagem oral e escrita. É dos estudos variacionistas, no entanto, que mais têm surgido trabalhos com foco na descrição e na compreensão do comportamento das sequências [aj], [ej] e [ow] na fala dos brasileiros de todas as regiões do país. As pesquisas sociolinguísticas que se dedicaram ao estudo deste tema têm se ocupado mais da descrição e da análise do ditongo [ej]. Essa escolha se deve ao condicionamento fonológico bastante claro para a presença de alternâncias – fricativas palatais e líquida não lateral, basicamente. Uma característica que difere os dois ditongos [aj], [ej] e [ow] diz respeito ao fato de que este último pode alternar livremente com a vogal simples, independentemente do contexto subsequente. Por essa razão, as omissões que envolvem as semivogais [w] e [j] são analisadas distintamente, uma vez que a supressão de [j] é mais restrita que a de [w].

Em se tratando apenas dos ditongos formados pela semivogal palatal, foco deste estudo, trabalhos realizados no Brasil, em Portugal e na África revelaram que a não realização fonética de [j] possui forte motivação decorrente do contexto seguinte (VEADO, 1983; CABREIRA, 1996; PAIVA, 1996; ARAÚJO, 2000; COSTA, 2003; AMARAL, 2005; TOLEDO, 2010; PASSOS, 2018). O ditongo [aj], por exemplo, tem a semivogal suprimida diante de um contexto fonológico bastante restrito – as fricativas palatais /ʃ/ e /ʒ/, como em [‘kajʃa ~ ‘kaʃa] e [saj’ʒɛ ~ sa’ʒɛ]. Em relação ao ditongo [ej], além desses dois ambientes fonológicos, a variação igualmente é percebida diante da líquida lateral /r/, sendo este o contexto em que se verifica a maior frequência de monotongações ([‘fejra ~ ‘fera], [dʒi’nejro ~ dʒi’nerɔ]), conforme apontam esses estudos.

Na escrita de crianças no início do processo de escolarização, esses três grupos vocálicos comportam-se de maneira similar à fala (TASCA, 2002; MOLLICA, 1998; HORA, 2007; HORA e RIBEIRO, 2006; ADAMOLI, 2006, 2012, 2020.), uma vez que os contextos fonológicos em que essa classe de ditongo perde o grafema <i> são os mesmos, como mostra a Figura 3:

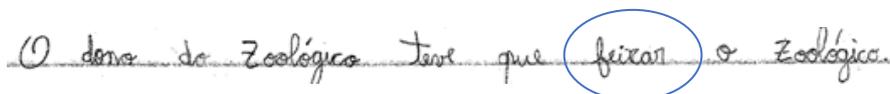
Figura 3: Comportamento dos ditongos variáveis do português



Fonte: Elaboração própria.

Em estudo anterior (ADAMOLI, 2006), verificamos que crianças em seus primeiros anos de escolarização tendem a suprimir o grafema <i> do ditongo <ei> diante dos mesmos contextos fonológicos, a saber, das consoantes fricativas palatais e da líquida não lateral, sendo este último, assim como nos estudos de variação, o principal contexto favorecedor das grafias não convencionais encontradas nos textos infantis. Também identificamos que a supressão da semivogal de <ai> ocorreu apenas diante do grafema <x>, que representa a fricativa palatal surda /ʃ/. Em sentido oposto aos casos de supressão, um tipo de dado interessante do ponto de vista da aquisição da escrita diz respeito a situações envolvendo inserções de ditongos em palavras nas quais não se verifica a presença dessas estruturas, como exemplificam os excertos em (1) e (2):

(1)



O dono da Zoológica teve que fazer a Zoológica.

(2)

é todos os vidos merivam

Em nosso entendimento, esse tipo de dado revela que as crianças, no início da escolarização, são capazes de reconhecer os contextos em que ocorrem os ditongos <ai> e <ei>, mesmo não sendo essas grafias respaldadas pela norma ortográfica, como nos casos recém apresentados. Acreditamos que esses dados devam ser considerados para o entendimento do fenômeno da monotongação como um todo (ADAMOLI e MIRANDA, 2018), mesmo sendo menos frequentes em comparação aos casos de supressão. De acordo com esses autores, esse tipo de erro – aqui interpretado como uma ponte para os acertos futuros relativamente às duas estruturas analisadas – revela que as crianças, quando começam a se apropriar das convenções ortográficas estabelecidas pela escola, recorrem a seu conhecimento de língua para grafarem os dois ditongos.

Com esse pensamento, avaliamos os dois fenômenos descritos – acréscimo ou apagamento de semivogais na escrita infantil – como um anúncio de que as crianças estão passando por momentos evolutivos na aprendizagem das formas ortográficas desses ditongos, como mostraremos com mais detalhes na seção que trata da apresentação dos dados.

3 Questões Metodológicas

Os dados tomados como objeto de análise neste artigo pertencem a um estudo maior, em que investigamos por dois anos consecutivos 15 alunos (8 meninas e 7 meninos) pertencentes, à época da pesquisa, a uma classe do primeiro ano do ensino fundamental de uma escola pública estadual da cidade de Pelotas/RS. No decorrer desse período, submetemos as crianças, ao final de cada semestre, a atividades diversificadas com vistas a obtermos registros orais e ortográficos dos dois ditongos em estudo. Por estarem iniciando a aprendizagem formal escrita, acreditávamos que este momento nos



ofereceria pistas sobre o desenvolvimento fonológico e ortográfico de [aj] e [ej]. Com esse entendimento, buscamos identificar:

a) **o perfil de produção escrita dos grafemas <ai> e <ei>**, com vistas a observar o período inicial de produção escrita desses grupos vocálicos, bem como o comportamento das crianças quanto a tais ditongos em três diferentes momentos. Em estudo anterior (ADAMOLI, 2006), verificamos que as crianças, à medida que avançavam na escolarização, reduziam as ocorrências de escrita não convencional relativas às semivogais dos ditongos fonéticos. Em tal estudo, os dados tomados para análise, no entanto, não foram coletados longitudinalmente, o que não nos permitiu traçar um perfil de aquisição ortográfica de <ai> e <ei>;

b) **o perfil de produção oral de [aj] e [ej]**, em que tivemos a intenção de observar a produção oral das crianças em relação aos itens lexicais que possuíam os ditongos variáveis em foco, tanto no que diz respeito à presença da semivogal [j], quanto à ausência desse segmento em seus enunciados falados.

Para a seleção das palavras que compuseram os instrumentos de coleta, consideramos os resultados do estudo de Adamoli (2006), que indicou que a supressão das semivogais de <ai> e <ei> na escrita é condicionada fortemente pelo contexto fonológico seguinte, tal qual ocorre na fala. Assim, ao longo de dois anos consecutivos, aplicamos diferentes atividades na classe investigada, motivando as crianças a narrarem os acontecimentos ilustrados nas imagens e a escreverem sobre eles posteriormente.

Para os testes com gravação, utilizamos o *software Audacity 1.3 Beta*, instalado em um *laptop*, e um microfone acoplado em um *headset*. Esse programa possibilitou verificar posteriormente os sons-alvo, permitindo acesso a informações auditivas mais precisas. Foram criados, após as gravações, arquivos com o material fônico de cada criança para serem escutados por uma comissão de juízes a quem coube dar um parecer acerca da presença ou da ausência da semivogal. Devido ao grande número de dados orais (1868), procedemos a uma análise de oitiva. Para tanto, os arquivos com os áudios foram distribuídos a uma comissão julgadora composta por 8 integrantes – 4 bolsistas de iniciação científica do curso de Pedagogia e 4 outras pessoas com formação universitária



ligadas à área da linguística –, que forneceram posteriormente um parecer sobre a presença ou ausência da semivogal [j] nas sequências [aj] e [ej].

Nas quatro coletas orais (uma ao final de cada semestre letivo), as crianças foram retiradas de sua classe e conduzidas a uma sala isolada, onde assistiam às sequências narrativas visualizadas no computador e narravam as cenas. As tarefas escritas eram realizadas imediatamente após as crianças terem participado das atividades orais, mas, ao contrário das primeiras, estas eram realizadas na própria classe com todos os alunos presentes. No total, foram obtidas 513 produções escritas, que passam a ser apresentadas na seção seguinte.

4 Apresentação dos dados

Ao descrevermos os dados orais e os escritos correspondentes aos ditongos em foco neste estudo, detectamos comportamentos diferentes quanto à produção /não produção dessas estruturas na fala e na escrita das crianças. Essa observação nos permitiu dividir os sujeitos investigados em 4 categorias distintas, conforme (3):

(3)

Grupo A – produziu oral e graficamente o ditongo

Grupo B – produziu apenas oralmente o ditongo

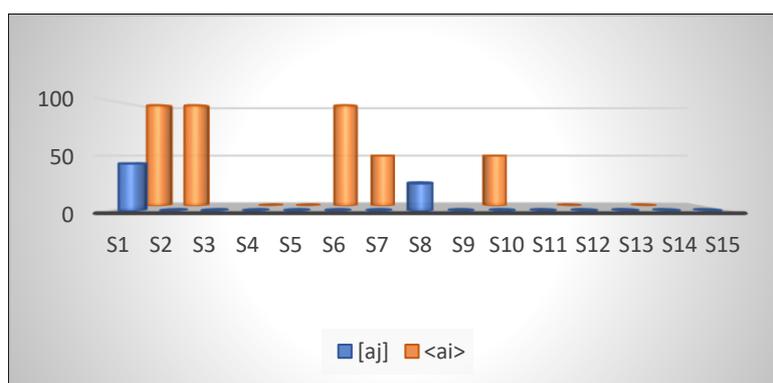
Grupo C – produziu apenas graficamente o ditongo

Grupo D – não produziu oral nem graficamente o ditongo

Esse agrupamento contribui para a interpretação dos gráficos apresentados na sequência, procurando contemplar os propósitos deste estudo. Assim, com o intuito de estabelecermos associações entre os dados de cada aluno, decidimos classificá-los quanto aos padrões de produção e não produção do ditongo, tomando, como base, os dados do final do primeiro ano e do segundo ano de observação.

Quanto à grafia de <ai>, observamos que, no final do primeiro ano escolar, alguns alunos ainda não conseguiam fazer as atividades escritas propostas. Verificamos que sete crianças – S3, S8, S9, S11, S13 e S15 – não escreveram, nas atividades que lhes foram entregues, o nome das figuras que exigiam a produção ortográfica de <ai>. Com isso, esse fato nos impediu de estabelecermos comparações entre a produção de <ai> e [aj] dessas crianças. A fim de visualizarmos o cenário obtido, apresentamos o Gráfico 1, que mostra o desempenho oral e ortográfico de [aj] de cada um dos sujeitos no final do primeiro ano de escolarização:

Gráfico 1: Produção oral e ortográfica das seqüências [aj] e <ai> no final do primeiro ano de escolarização

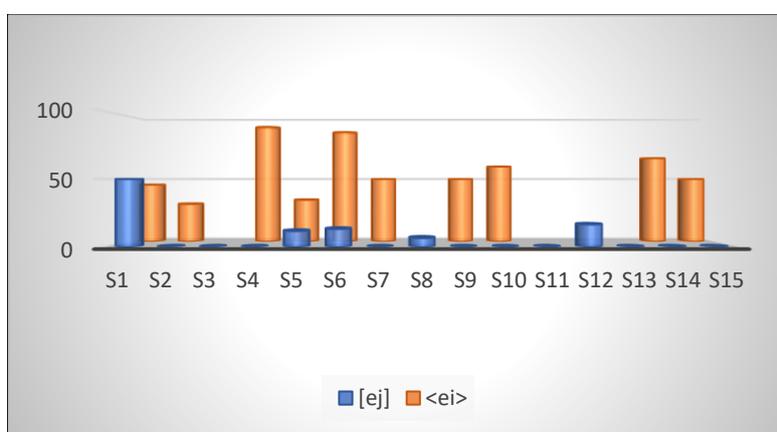


Fonte: Elaborado pelo autor.

Com foco apenas nos sujeitos cujos dados nos permitem estabelecer comparação, verificamos que S1, S2, S6, S7, S8 e S10 possuíam uma relação mais diferenciada em comparados aos demais. Isso se deveu, como mostra o Gráfico 1, à presença tanto de dados orais quanto de ortográficos do ditongo. Desse grupo, constatamos que S2, S6, S7 e S10 grafaram o ditongo (S2 e S6 com 100%; S7 e S10 apenas com índices próximos a 50%), não o produzindo oralmente, com predomínio em seus *outputs* da forma monotongada. O gráfico permite afirmar também que é S1 o sujeito com comportamento mais diferenciado do grupo: é a única criança a ter, em seu conjunto de dados, tanto registros orais quanto ortográficos desse ditongo.

Focalizando-se agora o Gráfico 2, que traz dados relativos à performance das crianças quanto à produção de <ei> e [ej] no final do primeiro ano escolar, percebemos que – à parte S3, S8, S11, S12 e S13 que não apresentaram registros escritos – a maioria das crianças já produzia esse ditongo tanto oral quanto graficamente, o que nos permitiu comparar os dados desses sujeitos.

Gráfico 2: Produção oral e ortográfica das sequências [ej] e <ei> no final do primeiro ano de escolarização



Fonte: Elaborado pelo autor.

O Gráfico 2 aponta uma relação mais diferenciada das crianças identificadas como S1, S5 e S6, precisamente porque encontramos o ditongo [ej] representado em suas duas formas – oral e escrita – no final do 1º ano escolar. Na fala desses três sujeitos, detectamos o ditongo em algumas produções, mas com predomínio da forma monotongada. Desse grupo, verificamos que S1 contrasta com os outros dois justamente por ser o único sujeito a apresentar índice de produção oral superior ao ortográfico: 50% para [ej] e 45% para <ei>. Um grupo composto por 7 crianças produziu, em seus enunciados escritos, formas com o ditongo ou apenas com a vogal base (note-se que, ao contrário de <ai>, aqui nenhum aluno apresentou 100% de presença do ditongo), mas em suas produções fonéticas foi constatada a predominância da monotongação, sem registros, portanto, de variação nos *outputs*. Esse conjunto de informações nos conduziu à elaboração do Quadro 1, em que agrupamos os sujeitos a partir do que estabelecemos em (3).

Quadro 1 – Agrupamento dos alunos quanto à produção oral e ortográfica dos ditongos [aj] e [ej] no final do primeiro ano de escolarização

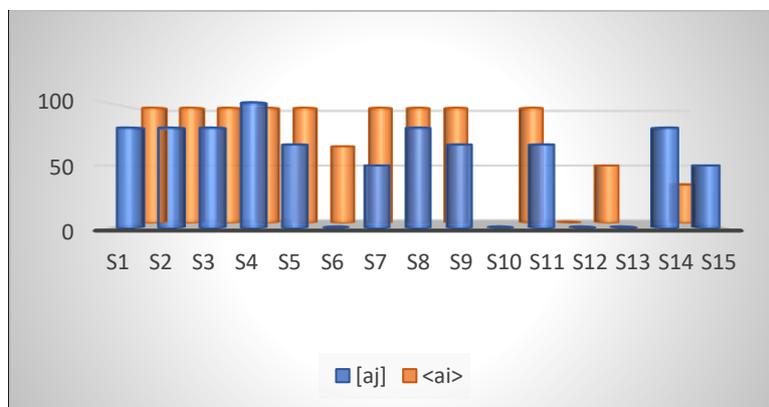
ai		ei	
Grupo A	S1	Grupo A	S1, S5 e S6
Grupo B	–	Grupo B	–
Grupo C	S2, S6, S7 e S10	Grupo C	S2, S4, S7, S9, S10, S14 e S15
Grupo D	S4, S5 e S14	Grupo D	–

Fonte: Elaborado pelo autor.

Como se constata no Quadro 1, houve uma concentração de alunos no Grupo C, que, conforme estabelecido em (3), congrega as crianças que produziram apenas graficamente os dois ditongos. Em suma, as conclusões que advêm dos Gráficos 1 e 2 e do Quadro 1 permitem observar três tendências para a realização das sequências <ai> e [aj] (nenhuma criança produziu apenas oralmente os ditongos) e duas para a produção das sequências <ei> e [ej] (um grupo menor produziu gráfica e oralmente os ditongos e outro grupo majoritário produziu apenas o ditongo em sua forma ortográfica).

Focalizando agora os resultados obtidos na última coleta com as crianças, os dados se mostraram reveladores para a pesquisa, uma vez que apontaram para uma nítida mudança no comportamento linguístico das crianças ao chegarem no final do segundo ano de escolarização, como aponta o Gráfico 3:

Gráfico 3 - Produção oral e ortográfica das sequências [aj] e <ai> no final do segundo ano de escolarização

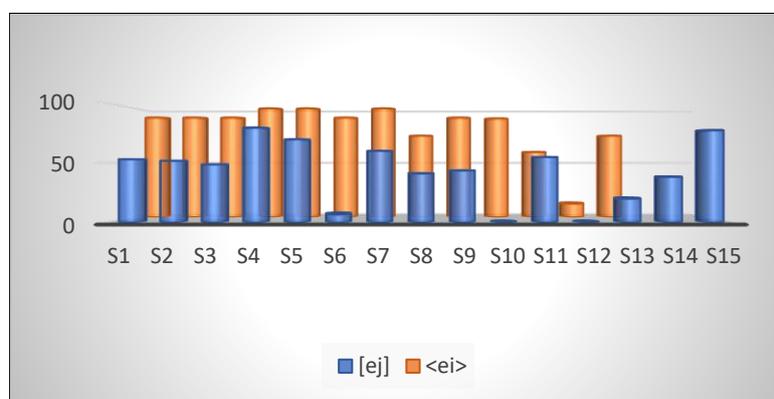


Fonte: Elaborado pelo autor.

Ao final desse ciclo, a maioria dos informantes produzia o ditongo [aj] em sua forma oral e ortográfica. Dos 13 informantes em cujos dados percebemos a produção oral e/ou escrita desse ditongo, um grupo de 9 alunos – S1, S2, S3, S4, S5, S7, S8, S9 e S11 – revelou excelente desempenho quanto à manutenção do grafema <i> (igual a 100%) e da semivogal [j] (entre 50% e 100%). Em contraste com esse grupo, encontram-se as crianças identificadas como S6 e S13, que apresentaram desempenho ortográfico superior a 50%, mas que não produziram oralmente em nenhuma das possibilidades o ditongo. Esse gráfico aponta para o fato de que houve um claro aumento na produção oral desse grupo vocálico, à medida que a grafia de <ai> ia se tornando mais frequente nas atividades de leitura e de escrita promovidas pelas práticas escolares.

Observando agora o desempenho dos alunos no final do segundo ano escolar quanto às formas faladas e ortográficas do ditongo [ej], constatamos um comportamento muito similar ao descrito anteriormente, como podemos visualizar no Gráfico 4:

Gráfico 4 – Produção oral e ortográfica das sequências [ej] e <ei> no final do segundo ano de escolarização



Fonte: Elaborado pelo autor.

Focalizando individualmente os sujeitos, vemos uma expressiva performance ortográfica do ditongo na maioria dos textos infantis analisados, com destaque para os sujeitos S4, S5 e S7, cujo percentual de produção do grafema <i> foi de 100%. Com desempenho um pouco menor do grupo recém mencionado, encontram-se S1, S2, S3, S8,

S9, S11 e S15, informantes que apresentaram índices de produção ortográfica entre 58% e 90%. Chamam a atenção os percentuais de produção oral do [ej] na fala das crianças, que variaram entre 40% e 77%. Desse último grupo, despertou nossa atenção os dados da criança identificada como S15, cuja performance oral chegou a 77% de produção do ditongo [ej], mas com desempenho ortográfico mais baixo, o equivalente a 58% de produção de <ei>.

O Gráfico 4 também aponta que os sujeitos S6 e S13 apresentaram percentuais de produção ortográfica e oral bastante discrepantes. Isso porque, embora a produção ortográfica tenha sido alta (90% e 75%, respectivamente), os dados orais apontaram frequências muito baixas (7% e 20%, respectivamente), revelando um maior distanciamento entre os dois tipos de produção e, também, entre estes dois informantes e os demais.

A partir das informações vindas dos Gráficos 3 e 4 e da proposta apresentada em (3), criamos o Quadro 4, que traz um novo cenário no final do segundo ano escolar:

Quadro 2 – Agrupamento dos alunos quanto à produção oral e ortográfica dos ditongos [aj] e [ej] no final do segundo ano de escolarização

ai		ei	
Grupo A	S1, S2, S3, S4, S5, S7, S8, S9, S11 e S15	Grupo A	S1, S2, S3, S4, S5, S6, S7, S8, S9, S11, S13 e S15
Grupo B	–	Grupo B	–
Grupo C	S6 e S13	Grupo C	S10 e S15
Grupo D	S12	Grupo D	–

Fonte: Elaborado pelo autor.

Como é possível observar, os Quadros 1 e 2 apresentam cenários bastante diferentes, quando da comparação do final do primeiro e do segundo ano de escolarização. Chamamos a atenção para o fato de que, antes, conforme traz o Quadro 1, havia uma polarização entre os Grupos A e C, sendo que o maior número de informantes se concentrava no grupo composto por alunos que apenas haviam grafado os dois grupos vocálicos, sem apresentarem registros de tais sequências na fala. No novo cenário, no Quadro 2, vemos uma polarização inversa: há um conjunto de crianças fortemente reunido



no Grupo A – informantes que apresentaram manifestações fonética e ortográfica das duas estruturas – contrastando com o Grupo C, ou seja, com crianças que produziram somente dados ortográficos.

Resumidamente, nosso estudo mostrou que, quanto às duas estruturas analisadas:

- O ditongo [aj] apresentou baixos índices de produção da semivogal nas duas coletas realizadas no final dos dois semestres do primeiro ano de observação: 5,5% e 6,6%, respectivamente. Os percentuais ganharam outra dimensão a partir da 3ª coleta (final do primeiro semestre do segundo ano de observação), na qual constatamos 46% de produção desse ditongo; na última coleta, os índices foram ainda superiores: 63% de realização fonética. A forma ortográfica sem a semivogal foi a preferida pela maioria das crianças no primeiro ano, com índices de 64% de grafias não convencionais detectadas nos textos coletados. Um aumento expressivo da forma <ai> (80% de produção) foi percebida no segundo ano escolar. Da segunda para a terceira coleta, não percebemos mudanças significativas nos percentuais de supressão do grafema <i>, o que sugere que a estrutura <ai> é bem cedo adquirida pelas crianças.
- O ditongo [ej] também apresentou uma baixa frequência de produção nas duas coletas de dados no primeiro ano, aproximadamente 5% de realização. A partir do segundo ano, os percentuais aumentaram consideravelmente na fala de praticamente todas as crianças investigadas. Diferentemente de <ai>, os dados ortográficos de <ei> revelaram índices menores de supressão (43%) no primeiro ano; na última coleta, a porcentagem de escrita de <ei> foi de 80%, também sugerindo que as crianças já entendem que essa estrutura deve ser grafada com a semivogal.

Em linhas gerais, os dados orais revelaram-se interessantes do ponto de vista da aquisição, diante do aumento do número de formas fonéticas de ambos os ditongos no



final do estudo. Observando o número médio das produções dessas duas sequências e o comparando ao final dos dois anos de acompanhamento, sugerimos que o aumento das produções verificadas no segundo ano pode ter relação com o desenvolvimento e a consolidação das práticas escolares de leitura e de escrita. Relativamente aos dados escritos, podemos ser mais conclusivos e atribuir ao próprio processo de aprendizagem da escrita o aumento das formas convencionais de se grafarem esses ditongos, uma vez que os percentuais verificados no segundo ano confirmam essa afirmativa. Ou seja: as grafias coletadas no 2º ano demonstram que as crianças parecem ter compreendido que existem diferenças entre fala e escrita e que devem representar ortograficamente com a vogal <i> segmentos que, em geral, nem sempre são observados nem produzidos na fala.

Indo ao encontro dos estudos de Mollica (1998) e de Adamoli (2006), podemos afirmar que as formas ortográficas <ai> e <ei> se estabilizam a partir do 2º ano, justamente quando a escolarização se encontra mais adiantada entre as crianças e também quando estas se encontram cognitivamente mais desenvolvidas. Portanto, o processo de alfabetização é marcado por uma construção progressiva do conhecimento ortográfico por parte das crianças. Assim, o tempo em que elas ficam expostas à aprendizagem na escola parece ser determinante para tornar mínima a variação ortográfica verificada nas escritas infantis como decorrentes da oralidade.

Antes de finalizarmos este estudo, gostaríamos de registrar a presença de manifestações epentéticas da semivogal [j] em produções orais e ortográficas de nove das quinze crianças investigadas. Esse tipo de inserção ocorreu na palavra “cachoeira”, diante da consoante fricativa palatal /ʃ/ que, como visto na segunda seção, oferece condições para o surgimento da semivogal (BISOL, 1989, 1991, 2012). Mencionamos que essa palavra foi usada nos instrumentos de coleta com o objetivo de observarmos o comportamento das crianças quanto à pronúncia e à escrita do ditongo [ej] frente à consoante /r/. Na sequência, apresentamos a Tabela 1, que traz os números relativos aos casos de inserção, e a Figura 4, que ilustra uma situação desse fenômeno na escrita.

Tabela 1 – Inserção de semivogal ([j]/<i>) na fala e na escrita infantil

Sujeito	Acréscimo de <i>			Acréscimo de [j]			
	1ª coleta	2ª coleta	3ª coleta	1ª coleta	2ª coleta	3ª coleta	4ª coleta
S1			1		1	1	1
S2							
S3			1			2	4
S4		1					
S5							
S6		1					
S7							
S8							
S9							
S10			1				
S11		1	1			1	3
S12							
S13					2		
S14		1					
S15		2	1				

Fonte: Elaborado pelo autor

Figura 4 – Acréscimo da semivogal <i> na escrita infantil



Fonte: Adamoli (2012)

Esse tipo de dado se mostra especialmente importante ao estudo, pois indica que as crianças acionaram seu conhecimento de língua sobre o ditongo [aj] e sobre o contexto em que frequentemente ele aparece para pronunciar ou para grafar a palavra ‘cachoeira’. As variações envolvendo esse ditongo demonstram, em nosso entendimento, a descoberta



pela criança de relações e de correspondências com estruturas que possuem natureza semelhante, revelando, uma criança que parece reorganizar seu pensamento frente a estruturas linguísticas a ela disponíveis.

Considerações finais

Os dados apresentados neste trabalho revelaram um percurso interessante do ponto de vista da linguagem na aprendizagem dos alunos durante sua trajetória nos dois primeiros anos de escolarização. Interpretamos o conjunto de dados como um indicativo de que o aumento significativo das realizações ortográficas de <ai> e <ei> e sua estabilização pelos informantes ao final do estudo tenha funcionado como uma espécie de gatilho para o surgimento das produções fonéticas de [aj] e [ej] da maioria dos informantes deste estudo. Essa proposta é respaldada, primeiramente, por entendermos que, no decorrer da evolução que caracteriza o processo de desenvolvimento fonológico infantil, as crianças têm a oportunidade de examinar e incrementar os conhecimentos já obtidos sobre a fonologia da língua que gradativamente vai sendo incrementada, a partir do conhecimento obtido pelo processo de escolarização.

Parece-nos ficar claro, portanto, que a trajetória desenvolvimental da fonologia infantil pode envolver, também, o conhecimento do processo de aquisição da escrita, corroborando resultados de alguns estudos (ABAURRE, 1988, 1991; VELOSO, 2006; MIRANDA, 2017; entre outros). A análise de dados orais e escritos à luz de modelos formais implica aceitar que variáveis extralinguísticas, como é o caso da escrita, permeiem o processo de aquisição da linguagem, o que nos pareceu ter ficado claro, quando consideramos a influência da escrita na representação oral do grupo de crianças investigadas. Essa proposição contribui para reafirmarmos o pensamento subjacente de que dados de escrita inicial podem trazer contribuições aos campos da aquisição fonológica e ortográfica, indicando uma relação existente entre essas duas áreas.



Referências

ABAURRE, M. B. M. Os estudos linguísticos e a aquisição da escrita, **Anais do II Encontro sobre Aquisição de Linguagem**, Porto Alegre: PUCRS: 5-49, 1991.

ABAURRE, M. B. M. The Interplay between spontaneous writing and underlying linguistic representations. **European Journal of Psychology of Education**, v. 3, n. 4, p.415-30, 1988.

ABAURRE, M. B. M. O que revelam os textos espontâneos sobre a representação que faz a criança do objeto escrito? **Anais do GEL**, 1987, p. 135-142.

ADAMOLI, M. A. (2020). Considerações sobre Erros Ortográficos Envolvendo os Ditongos Variáveis. **Revista Da Anpoll**, 51 (1), 125–138. <https://doi.org/10.18309/anp.v51i1.1241>

ADAMOLI, M. A. & MIRANDA, A. R. M. Dados de aquisição da fala e da escrita e sua contribuição à discussão dos ditongos fonéticos [aj] e [ej] do PB. **Revista Linguagem e Ensino**, 21, 119-145, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/rle/article/view/15190> Acesso em: 14 de setembro, 2021.

ADAMOLI, M. A. **Um estudo sobre o estatuto fonológico dos ditongos variáveis [aj] e [ej] do PB a partir de dados orais e ortográficos produzidos por crianças de séries iniciais**. 2012. 196 f. Tese de Doutorado – Universidade Federal de Pelotas, Pelotas.

ADAMOLI, M. A. & MIRANDA, A. R. M. Do conhecimento fonológico ao conhecimento ortográfico: as diferentes grafias dos ditongos orais mediais “ai” e “ei” em textos de escrita inicial. **Cadernos de Pesquisa em Linguística**, Porto Alegre, v. 4, n. 1, p. 232 – 245, 2009.

ADAMOLI, M. A. **Aquisição dos ditongos orais mediais na escrita infantil: uma discussão entre ortografia e fonologia**. 2006. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Federal de Pelotas, Pelotas.

AMARAL, M. P. Ditongos variáveis no sul do Brasil. **Letras de Hoje**. v. 40, n 3, p. 101-116, 2005.

ARAÚJO, M. F. R. de. **Considerações sobre a monotongação do ditongo decrescente [ej] no dialeto de Caxias (MA)**. R. Letras, PUC-Campinas 19, 2000.

BISOL, L. Ditongos derivados: um adendo. In: LEE, Seung Hwa (org.). **Vogais além de Belo Horizonte**. Belo Horizonte, 2012.

BISOL, L. Ditongos derivados. **D.E.L.T.A.**, v. 10, n. Especial, p.123-140, 1994.

BISOL, L. O ditongo em Português. **ABRALIN**, (11), 1991.

BISOL, L. O ditongo na perspectiva da fonologia atual. **D.E.L.T.A.**, vol. 5, n. 2, p. 185 – 224, 1989.



BLANK, M. **Percepção e conhecimento linguístico na aquisição de alunos bilíngues (pomerano/português)**. 2019. 161 f. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Pelotas, 2019.

BLANK, M. **Influências fonológicas na aquisição da escrita do português por crianças bilíngues (pomerano/português brasileiro)**. 2013. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Pelotas, Pelotas.

CABREIRA, S. H. **A monotongação dos ditongos orais decrescentes em Curitiba, Florianópolis e Porto Alegre**. 1996. Dissertação (Mestrado em Letras) – Pontifícia Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1996.

CAMARA, JR. **Estrutura da Língua Portuguesa**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 9^a ed., 1970.

CINTRA, L.F.L. Os ditongos decrescentes ou e ei: esquema de um estudo sincrônico e diacrônico. **Estudos de Dialectologia Portuguesa**. Livraria Sá da Costa Editora, Lisboa, 2^a edição, 1995.

COSTA, C. F. **Fonologia lexical e controvérsia neogramática: análise das regras de monotongação de [ow] e vocalização de [l] no PB**. 2003. Dissertação (Mestrado em Letras) – Pontifícia Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.

CUNHA, A. P. N. **A hipo e a hipersegmentação nos dados de aquisição da escrita: um estudo sobre a influência da prosódia**. 2004. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2004.

CUNHA, A. P. N. **As segmentações não-convencionais da escrita inicial: uma discussão sobre o ritmo linguístico do português brasileiro e europeu**. 2010. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2010.

HORA, D. A monotongação na produção escrita: reflexo da fala. In: X Simposio Internacional em Comunicación Social, 2007, Santiago de Cuba. **Actas I - X Simposio Internacional de Comunicación Social**. Santiago de Cuba: Centro de Linguística Aplicada, 2007. v. I. p. 127-131.

HORA, D. & RIBEIRO, S. R. Monotongação de ditongos orais decrescentes: fala versus grafia. In: GORSKY, E. & COELHO, I. (Org.). **Sociolinguística e ensino: contribuições para a formação do professor de línguas**. Florianópolis: UFSC, 2006.

MIRANDA, A.R.M. Aquisição da linguagem: escrita e fonologia. In: LAZZAROTTO–VOLCÃO C., FREITAS, M.J., organizadores. **Estudos em Fonética e Fonologia: coletânea em homenagem a Carmen Matzenauer**. Curitiba: CRV; 2018. p. 335 - 364.

MIRANDA, A. R. M. Reflexões sobre a fonologia e a aquisição da linguagem oral e escrita. **Veredas**, v. 17, n° 2, 2012.

MIRANDA, A. R. M. A fonologia em dados de escrita inicial de crianças brasileiras. **Linguística** (Madrid). 2014; 30:45 - 80.

MIRANDA, A. R. M. & MATZENAUER, C. L. B. Aquisição da fala e da escrita: relações com a fonologia. **Cadernos de Educação**, Pelotas, n. 35, p. 359 – 406, 2010.



MIRANDA, A. R. M. Aspectos da escrita espontânea e da sua relação com o conhecimento fonológico. In: LAMPRECHT, Regina. **Aquisição da Linguagem: estudos recentes no Brasil**, Porto Alegre: EDIPUCRS, 2007

MOLLICA, M. C. **Influência da fala na alfabetização**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1998.

NEY, L. A. G. **Acentuação gráfica na escrita de crianças de séries iniciais**. 2012. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2012.

PAIVA, M. C. A. Supressão das semivogais nos ditongos decrescentes. In: OLIVEIRA E SILVA, G. M. & SCHERRE, M.M.P. (orgs.) **Padrões sociolinguísticos**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

PASSOS, R. R. O ditongo /ei/ na fala de São Tomé. In: BRANDÃO, S. F. (org) **Dois variedades africanas do Português: variáveis fonético-fonológicas e morfossintáticas**. São Paulo: Editora Edgard Blücher Ltda., 2018.

SCHWINDT, L. C. S. et al. A influência da variável escolaridade em fenômenos fonológicos variáveis: efeitos retroalimentadores da escrita. **Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL**. Vol. 5, n. 9, agosto de 2007.

TASCA, M. **Interferência da língua falada na escrita das séries iniciais – o papel de fatores linguísticos e sociais**. Porto Alegre, EDIPUCRS, 2002.

TOLEDO, E. E. A monotongação do ditongo oral decrescente [ej] em Porto Alegre. **Cadernos do IL**, Porto Alegre, nº 40, p. 134-160, 2010.

VARELA, N. K. **Na aquisição da escrita pelas crianças ocorrem processos fonológicos similares aos da fala?** 1993. Dissertação (Mestrado em Letras). Pontifícia Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1993.

VEADO, Maria. A Redução de ditongo – uma variável sociolinguística. **Ensaio de Linguística**, Belo Horizonte (MG), ano V, nº 9, pp. 209-229, dez., 1983.

VELOSO, J. **Da influência do conhecimento ortográfico sobre o conhecimento fonológico. Estudo longitudinal de um grupo de crianças falantes nativas do português europeu**. München: Lincom Europa, 2006.

Recebido em: 15/09/2021 | Aprovado em: 23/10/2021.
